



DELEUZE, O PENSAMENTO DA DIFERENÇA E O



E
N
S
I
N
O
D
A
A
R
T
E

ANA PAULA SABIÁ
· FLORIANÓPOLIS · 2016

Pensar, O que significa pensar? De um modo generalizado, somos todos sujeitos pensadores. Viver é uma aventura grandiosa e assustadora na qual o infundo questionamento a respeito de quem somos, que rege cada novo ciclo e deslocamento experienciado, aflora em consciência mais urgente quando imersos no pesquisar, seja este qual for.

A fatídica pergunta 'quem somos nós?' torna-se tanto inquietante quanto instigante quando compreendemos que não existe apenas uma resposta que satisfaça tal sentença.

Quaisquer que sejam, tais respostas serão sempre múltiplas, permeáveis, fluídas e efêmeras; eternos percursos transitivos entre o absoluto e o peculiar.

Por isso o investigar: ação humana consciente na tentativa de compartilhar uma perspectiva subjetiva que dialogue no coletivo e que, por assim o ser, possa vir ampliar os variados modos de existência e ideais sobre o mundo e nós mesmos. É estabelecer potencialidades de encontros, no qual tanto o ser quanto o não ser são infinitas multiplicidades complementares, e não excludentes entre si.



Pensar com Deleuze é um convite desafiador, pois é um exercício que requer coragem para desaprender a forma de pensar instituída socialmente desde que saímos do útero.

Pensar é criar; e não somente reproduzir ou representar o pensamento. Implica de nós, pensadores em potencial, desaprender clichês, provocar o pensamento, desterritorializarmo-nos para, então reterritorializar-se em outro/a coisa-pessoa.

Pensar é imoral, pois tem a ver com sentido de força e não com a forma. A efetiva educação é possibilitar o pensar, que amplia abertura à outros mundos. O enunciado, seja ele qual for, é sempre um coletivo e não está em um 'eu'.

Como toda novidade, abandonar o conceito de representação, tão caro e cômodo para quem sempre apreendeu o mundo dessa forma, não é simples e imediato. Mas para abarcar a criação e a diferença, devemos nos esforçar para operar o pensamento para além da reflexão, sendo esta nada mais que uma representação de algo, um pensar instituído, naturalizado e semelhante.

A arte é uma das muitas possibilidades de acesso ao universo criativo do pensar. Ensinar com arte é totalmente diferente de ensinar sobre arte, pois a conjunção com traz o encontro (variações infinitas, rupturas, fissuras) do ensino-aprendizagem, não do "faça como eu faço" e sim "Faça comigo!". Nesse interstício estabelece-se o agenciamento entre filosofia, educação e arte.

Repensar o ensino da arte, junto com Deleuze, não significa pensar intervenções invasivas ou revolucionárias na forma desse fazer e sim apontar na efetividade de transformações a partir das ações menores, a chamada micropolítica (Foucault) para a ativação de sentidos.

O sentido, efeito ocasionado dos encontros é incorporeal, pertence ao plano da força e não da forma. O sentido - a constelação de sentidos - se processa a partir dos paradoxos que a própria significação não dá conta.

Deleuze, filósofo que se agencia com Bergson, Foucault e Nietzsche, traz deste último (além da "Ética", de Spinoza), conversações com o pensamento da vontade potência e demais encontros que potencializam a vida, ressaltando que "a potência para agir e existir aumenta ou diminui em virtude das ideias e dos bons encontros que se tem"

Com Bergson, Deleuze vai ao encontro a noção do pensamento da diferença, na qual a diferença não é aquela que se opõe ao outro. Tudo o que repete não é o mesmo, mas sim um processo de tornar-se outro.

Estamos todos em constante devir, somos continuamente atravessados por forças dos acontecimentos, estes por sua vez, simultâneos entre si. Estarmos em devir é deixar-se atravessar por algo que está porvir. O impensado do pensamento capaz da fissura e fuga.

O quanto do ser professor está em devir? O quanto do ser artista está em devir? O quanto estamos abertos à reinvenção de nós mesmos e do mundo? São problematizações (auto)provocativas que se estabelecem a partir da relação ensino-aprendizagem.

O acontecimento é como uma força, é um evento da ordem do coletivo que arrasta, atravessa e leva. É qualquer movimento que se dá no encontro entre corpos, irrompe no cotidiano e que a princípio, por ser extra-ordinário, não nos está definido nem em sua forma nem em sua força. No entanto, pelo nosso despreparo em atuar com algo indefinido, buscamos ansiosamente conceituá-lo estruturá-lo, codificá-lo. Nomeações que usamos para afugentar nosso medo, ao reconhecer que não temos respostas à tudo.

O acontecimento é um conjunto de singularidades heterogêneas, é aquilo que emerge dos arranjos no plano de composição, das forças e variáveis, e é da ordem da superfície. Nessa perspectiva nega-se a verdade transcendental da metafísica, pois a verdade dos fatos encontra-se na superfície. Nada está subliminar, no profundo ou nas entrelinhas, mas sim na superfície: o mais profundo é a pele (Paul Valéry).

O acontecimento fabrica virtualidades no sujeito, no pensamento, nos variados modos de ser e estar

Agenciamento E acontecimento E encontros: estamos permanentemente entre atravessamentos de forças e formas, estamos sempre em devires imperceptíveis de algo que fabrica, conecta, compõe. Somos sujeitos constitutivos e constituintes do mundo e todo agenciamento age duplamente a partir das forças que estão nesses extratos.

No primeiro semestre de 2016, muitas vezes consciente, percebi tais atravessamentos em mim e minha pesquisa. Tive encontros alegres que potencializaram a vida na arte, na pesquisa e nos demais círculos de afetos e sentidos.

Mudei meu objeto de estudo duas vezes, sendo que a mudança mais recente trouxe pensamentos impensados até então. Muitos deles vão além da reflexão, o que me tiram do meu conforto identitário-fixo. Provocou-me as variadas possibilidades de ser uma outra, ou melhor, umas outras mulheres em devir: devir mulher, devir pesquisadora, devir artista, devir curadora, devir educadora, devir mediadora... entre outros devires.

Mil Platôs de devir, sendo que todo devir é um devir minoritário e portanto molecular. É um desterritorializar-se que o/a tira do todo majoritário.



A partir do estudo com Deleuze, o que eu coloco em emergência como novo problema/questão em minha pesquisa?

Como o pensamento de Deleuze pode contribuir com minha temática, questões pessoais, etc?

De que lugar eu falo na minha pesquisa?

O que escapa das questões que investigo? (o que foge ao verdadeiro ou falso)

A vida, enquanto processos, não acontece na total organização. São os acontecimentos que vazam desse plano de organização e emergem com tudo aquilo que é incontrolável, que não podemos rotular nem representar: a potência da vida foge ao nosso controle.

A palavra chave é desterritorializar-se/ desterritorializar-me: discutir e valorar processos -componentes de passagem direcional, dimensional e linhas de fuga - pois, somente assim é que se está em devir constante.

Um dos propósitos da filosofia é o convite ao pensamento criativo. Há nesse a-fazer crítico, estético e político a criação de conceitos, que potencializam pensamentos outros a partir de sistemas de relações heterogêneas entre si.

Ritornelo: refrão: uma das criações de conceitos para a filosofia.

É preciso estar

•E•N•T•R•E•



- O EU é um aprisionamento identitário.
- O desejo é a máquina de produção, no entanto, a vontade e o desejo são produzidos no contexto social.
- Diálogo ≠ conversa : diálogo prevê a discussão na qual deverá haver apenas um ponto de vista válido. Conversa prevê o embate dialógico na qual as perspectivas postas podem somar-se ou não.
- ensinar a arte ≠ viver a arte
- O lugar da arte é nos interstícios da linguagem
- A linguagem é um acontecimento que faz surgir outra linguagem;
- A arte é um bloco de sensações, afectos e perceptos;
- Deleuze não nos dá conclusões, mas suscita possibilidades;
- O poder é a força e o saber é a forma. A educação que sempre se propôs como modo de aperfeiçoar o Homem, ainda hoje permanece e projeta tal pensamento transcendente. A educação contemporânea, salvo raras exceções, ainda preza pela afirmação e repetição do já instituído/ estabelecido como verdade.

Não existe a essência: existe o múltiplo

Eu sou UMA mulher e não A mulher (que determina a identidade-fixa)

Intervir na estrutura molar (sistemas que compõe o plano da organização; instituições, família, identidade) a partir de uma micro ação molecular. Essa é a proposta de minha pesquisa que se infiltra, nos

Clarice Lispector,
Fernando Pessoa,
Deleuze, David
Bowie: negação de
uma fixidez
identitária,
hibridismos de
gênero,
competências,
afazeres, práticas e
pesquisas.
Pluralidades
possíveis em devir.



Spinoza: "A maior virtude do homem é perseverar no seu próprio ser"
Plano de imanência é a própria vida e não é transcendente
A natureza não tem uma essência, ela se fabrica e se produz

Micropolítica é criadora e revolucionária:
os pequenos desvios são as linhas de fuga, os devires
A significação está na dimensão da forma, o sentido está na dimensão da força.

"Uma aula é emoção e inteligência. Mas sem emoção, não se tem nada."
"O papel do professor é fazer com que os estudantes lidem e se conciliem com sua
solidão"(DELEUZE)
estoicos: não pensam o ser e sim o corpo: tudo é corpo: utilizam o verbo:
a árvore verdeja.

REFERÊNCIAS

CORAZZA, Sandra, O que Deleuze quer da educação? In: Deleuze e Educação (revista)

_____. Para pensar, pesquisar e artista a educação, in: Deleuze e Educação (revista)

DELEUZE, Gilles, Noção da diferença em Bergson, in: A Ilha deserta e outros textos

_____. Noção do Devir

_____. O ato da criação

_____. Arte como perceptos e afetos.

_____. Diagramas para pensar/ diagramas de sensação.

KOHAN, Walter, Agenciamento (texto revista)

ROLNIK, Sueli. Ninguém é deleuziano.

